

“O VICE NÃO TEM O MESMO PROGRAMA DO TITULAR”
(Bolívar Lamounier)

Lamounier defende fim do vice

CIENTISTA POLÍTICO DIZ QUE ESCOLHA DE MERCADANTE E MACIEL FOI POSITIVA

O cientista político Bolívar Lamounier defende, nesta entrevista a **Francisco Pimenta**, a proposta de extinção dos vices-presidentes. Segundo Lamounier, na prática o vice não tem o mesmo programa do titular porque foi escolhido para ampliar o alcance eleitoral da chapa. Ele propõe, no caso de impedimento ou morte do presidente até a metade do mandato, que se faça outra eleição direta. Depois desse prazo, o Congresso escolheria o substituto.

JT - Qual a influência do vice-presidente na história da República brasileira?

Bolívar Lamounier - Na República velha o País não tinha uma estrutura institucional definida, e sim uma política oligárquica. No período pós-45 foi criado o sistema presidencialista, sem reeleição, com o vice podendo ser escolhido separadamente do presidente, ou seja, com voto direto para os dois. Isso significava que podia haver uma escolha em desacordo com a aliança, o que de fato aconteceu em 1960, com Jânio de um lado e João Goulart do outro.

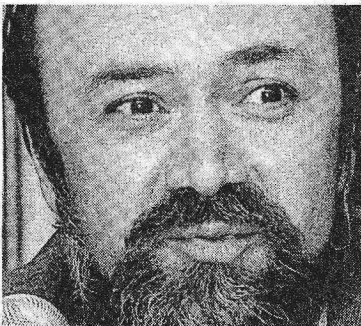
Qual a justificativa para a regra de se eleger o vice numa eleição em separado?

Era a tradição brasileira. Nós nunca tínhamos feito a experiência de vinculação de votos, que é uma regra posterior ao regime militar.

E o problema do cumprimento do programa do presidente pelo seu vice?

No fundo não existe uma solução completamente satisfatória. O sistema presidencialista

tem várias vantagens e vários defeitos. O problema é que, na prática, o vice não tem o mesmo programa do titular, porque foi escolhido para ampliar o alcance eleitoral da chapa. Em segundo lugar, há o problema da vinculação do voto. Se você não vincula, tem o risco deles serem antagônicos; se vincula, o eleitor dá um voto só a duas pessoas.



Arquivo/AE

“A mística do sistema presidencialista é que só é legítimo o poder que vem direto do eleitor”

E a proposta de extinguir a figura do vice?

Eu acho que seria a melhor solução. Se o presidente for impedido ou morrer até a metade do mandato, se faz outra eleição direta. Se isto ocorrer depois da metade do mandato, o Congresso escolhe o substituto para o resto do mandato.

Mas esta escolha pelo Congresso não vai gerar o mesmo problema, de o novo presidente

não ter compromissos com o programa do presidente eleito?

Sim, e não é só este o problema, porque a mística do sistema é de que só é legítimo o poder que vem direto do eleitor. Isto gera um problema muito difícil porque, não tendo o vice, é preciso realizar eleições muito difíceis, conflitivas, dispendiosas.

E a troca dos vices dos dois principais candidatos?

Esta discussão atual sobre o vice tem sido muito positiva. Agora os substitutos me parecem capazes. Pode haver uma pequena diferença do ponto de vista programático, ideológico, mas não a ponto de gerar um conflito frontal.

O Mercadante seria um vice mais parecido com o Lula?

Pelo que acompanho da discussão programática, o Mercadante estaria muito mais próximo do que os economistas em geral pensam do que o que um partido de esquerda pensa. Então, não me parece que seja uma coincidência de 100% com o que pensa a coligação que apóia o Lula, mas também não há um antagonismo total.

E no caso do Marco Maciel?

Há dez anos, acredito que haveria uma distância programática muito grande. Na verdade o que houve, não só no Brasil, mas no Chile, na Espanha, na França e no Japão, foi uma aproximação programática bastante grande entre os partidos liberais e os social-democratas. A centro-esquerda caminhou na direção dos liberais e os liberais, por sua vez, caminharam um pouco na direção do centro.